



Perfil de Walter Zanini

Annateresa Fabris

Traçar a trajetória intelectual de Walter Zanini equivale a acompanhar um percurso que, de um primeiro interesse pelo Renascimento, desemboca na análise de várias manifestações da arte moderna e contemporânea, tanto internacional quanto brasileira. O Doutorado, realizado sob a orientação de André Chastel na Universidade de Paris, teve como resultado a tese *La peinture à Ferrare et ses rapports avec les écoles contemporaines dans la seconde moitié du XV^e siècle* (1961). A sólida formação em História da Arte, que fez de Zanini um dos primeiros profissionais a exibir semelhante perfil no Brasil, não ocorreu apenas na França. Realizou-se também na Itália (Universidade de Roma e Instituto Nacional de Arqueologia e História da Arte) e na Inglaterra (Instituto Courtauld da Universidade de Londres).

De volta ao Brasil, Zanini acabou desempenhando um papel de ponta na Universidade de São Paulo, ao assumir o cargo de diretor do Museu de Arte Contemporânea, constituído a partir da doação de 419 obras da coleção particular de Francisco Matarazzo Sobrinho, de 19 peças de comum propriedade deste e de Yolanda Penteado e do acervo do Museu de Arte Moderna (1963). Durante sua gestão à frente do MAC (1963-1978), Zanini implementou uma política cultural de vasta abrangência, que incluía espetáculos de música experimental, sessões de cinema e de videoarte, palestras, debates e cursos de História da Arte e Estética, além de *happenings* e *performances*.

Para promover a divulgação do acervo, Zanini idealizou um projeto em parceria com a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, o Trem de arte. Inspirado nos trens de agitação/instrução, os quais, logo depois de outubro de 1917, levavam informações políticas e espetáculos artísticos Rússia afora, o projeto, que não se concretizou, previa a transformação de vagões de carga em salas de exposição itinerantes a fim de divulgar o acervo de obras sobre papel no interior paulista.

A revisão de momentos marcantes do Modernismo foi uma das características do trabalho de Zanini no MAC. Iniciada com a retrospectiva de Antônio Gomide (1968), prosseguiu com as mostras dedicadas a Tarsila do Amaral (1969, com curadoria de Aracy Amaral), Vicente do Rego Monteiro (1971), Ernesto De Fiori (1975) e Mário Zanini (1976).¹ Em paralelo a esse trabalho de revisão historiográfica e à ampliação do primitivo acervo, a gestão de Zanini distinguiu-se pelo empenho na divulgação de novos artistas e novas vertentes graças a exposições como *Jovem Desenho Nacional*, *Jovem Gravura Nacional* (1963-1966) e, sobretudo, *Jovem Arte Nacional* (1967-1974). A sexta edição de *Jovem Arte Nacional* (1972) caracterizou-se pela abolição da seleção dos inscritos em favor do sistema de sorteio e loteamento dos espaços e pela concessão de verbas de pesquisa em lugar da tradicional premiação, gerando um acirrado debate no meio artístico e na imprensa.

¹ Esse trabalho teve continuidade na década de 1990 com a curadoria de duas exposições apresentadas no Museu de Arte Moderna de São Paulo: *O grupo Santa Helena* (1995) e *Vicente do Rego Monteiro* (1997).

Além disso, Zanini foi incentivador e divulgador das vertentes conceituais. Promoveu exposições como *Circulambulatio* (1973), *6 artistas conceituais* (1973), *Prospectiva 74* (1974), *Visual poetry internacional* (1975), *Arte sociológica* (1975), *Arte e comunicação marginal* (1975), *Bienal do ano 2000* (1975), *Multimedia II e Multimedia III* (1976), *Década de 70* (1976), *Novos e novíssimos fotógrafos* (1976), *Poéticas visuais* (1977), *Multimedia internacional* (1979, na Escola de Comunicações e Artes da USP), para cuja organização contou frequentemente com a colaboração dos artistas.

Ao mesmo tempo em que atuava na direção do MAC, Zanini teve uma destacada presença acadêmica na USP e na Fundação Armando Álvares Penteado, onde ministrou diversas disciplinas histórico-artísticas. Professor da disciplina optativa História da Arte no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, no começo dos anos de 1970 Zanini logrou a fundação do curso de Artes Plásticas na ECA. Dividindo sua atuação docente entre os cursos de graduação e pós-graduação, orientou na segunda modalidade vários estudantes que se destacaram no cenário histórico-artístico: Aracy Amaral, Daisy Peccinini, Annateresa Fabris, Cacilda Teixeira da Costa, Elvira Vernaschi, Carlos Scarinci, Gabriela Wilder, Rui Moreira Leite, Ivone Luzia Vieira, Niura Ribeiro, Ana Gonçalves Magalhães, entre outros.

Como curador da XVI (1981) e da XVII (1983) Bienais de São Paulo, Zanini pôs em prática o critério da analogia de linguagens, rompendo com o modelo geopolítico que regera a mostra até aquele momento.

Autor de *Tendências da escultura moderna*² (1971), *A arte no Brasil na década de 1930-40: o grupo Santa Helena* (1991), *Vicente do Rego Monteiro: 1899-1970* (1997), Zanini foi responsável por um empreendimento editorial que o empenhou durante vários anos: a coordenação do livro *História geral da arte no Brasil*, no qual contou com a colaboração de catorze especialistas (Ulpiano Bezerra de Meneses, Darcy Ribeiro, Benedito Lima de Toledo, José Luís Mota Menezes, José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata, Flávio Motta, Carlos Lemos, Boris Kossoy, Júlio Roberto Katinsky, Alexandre Wollner, Mariano Carneiro da Cunha, Vicente Salles e Anna Mae Barbosa) e com a assessoria de Cacilda Teixeira da Costa e Marília Saboya de Albuquerque. Publicada em 1983, a obra caracterizava-se pela presença de dois eixos: um cronológico, que ia do período pré-colonial às últimas décadas do século XX; outro voltado para recortes específicos como arquitetura contemporânea, desenho industrial, comunicação visual, fotografia, arte afro-brasileira, artesanato e arte-educação.

Além de ter fundado a Associação dos Museus de Arte do Brasil (AMAB, 1966-1971), coube a Zanini, a convite de Jacques Thuillier, secretário-geral do Comité International d'Histoire de l'Art, articular a estruturação do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA, 1971), no qual exerceu as funções de presidente durante um longo período.

A pesquisa atual, intitulada *A arte no século XX: vanguardas, desmaterialização e progressões tecnológicas*, é uma proposta de revisão da produção artística do período em tela pelo prisma da relação de vários de seus movimentos com o horizonte tecnológico. Tendo como ponto de partida os empreendimentos do *Arts and Crafts*, do *Art Nouveau* e da *Deutsche Werkbund*, a pesquisa vai da análise de alguns movimentos das vanguardas históricas (Futurismo italiano e russo, Dadá e Construtivismo) até a década de 1980, passando pelo Cinetismo, pelas primeiras incursões na cibernética e na eletrônica, pela crise do objeto, pela contestação dos suportes tradicionais e pelos desdobramentos da videoarte no panorama internacional e nacional.

Lembrar que Walter Zanini está engajado nessa pesquisa é confirmar a coerência de um percurso que, desde 1963, tem tido como norte a análise dos fenômenos artísticos modernos e contemporâneos.

² Tratava-se da tese de Livre-Docência, intitulada *Tendências da escultura moderna: gerações iniciais* (1969).